



A MALDIÇÃO DO PETRÓLEO

| Tema: [Artigos](#) | Autor: [Horácio S. Reis](#) |

A MALDIÇÃO DO PETRÓLEO

Angola, no pós-independência, herdou uma pequena estrutura de exploração petrolífera, nas mãos da então Cabinda Golf Oil Company, empresa norte americana pioneira na exploração de petróleo em Angola /Cabinda.

Só após o rebentar da guerra de libertação do jugo colonial, no início da década de mil novecentos e sessenta, o governo de Salazar acordou e massivamente investiu em infra-estruturas, tais como estradas, pontes, caminhos de ferro, portos e alguns aeroportos, para além de ter modernizado na altura alguns edifícios para os serviços do Estado, muitos de raiz, ao mesmo tempo que o colono rico, proprietário, acabaria também, ele, por investir fortemente na então Província de Angola.

O governo colonial já tinha conhecimento de tudo isso mas optou por fechar e manter em estado de ignorância total o povo de Angola.

Usou o território para receber presos de delitos comuns e políticos que deportava porque o incomodavam na Metrópole e os portugueses que quisessem emigrar para a Província de Angola precisavam de carta de chamada, etc..

Foi após o início da luta de libertação armada por parte dos Movimentos de Libertação Nacional que Salazar e o seu séquito acordaram e resolveram vir em força para Angola. Foi a partir daí que as coisas mudaram também para o povo angolano, de certa forma obviamente. O território foi então dotado de uma rede de estradas asfaltadas a ligar as capitais de distrito, entre outras, e outros empreendimentos que possibilitaram mostrar ao mundo outra realidade, contrariando a ideia de Salazar que queria manter fechada a imagem de Angola com todas as suas riquezas.

O petróleo, diamantes, ferro e ouro, foram apenas algumas das novas apostas de investimento do governo colonial na modernização da economia angolana. Após a independência, o novo país toma posse de todo o território e começou por fazer frente a uma guerra de agressão externa e interna terrível, onde se envolveram algumas das superpotências estrangeiras que queriam, cada uma à sua maneira, explorar o novo país potencialmente muito rico.

Cada bloco de países internacionais apoiaram internamente os Movimentos armados que antes fizeram a guerra de libertação e com isso geraram mais confusão. Entretanto o jovem governo da nova nação conseguiu se impôr e gerar uma certa ordem política, ficando contudo a braços com uma guerra interna entre angolanos, fratricida e que

devastaria fortemente toda a nação, provocando muitas mortes e a debandada de muitos quadros especialistas para outros países, nascendo então ondas de refugiados angolanos por esse mundo fora e Angola ficou sem a maioria de seus quadros e de seus técnicos.

Depois de alguns anos, os irmãos desavindos conseguiram chegar a um acordo e pôr um ponto final no conflito. Em 2002. O país devastado pela guerra teve de recomeçar uma reconstrução nacional.

Tarefa gigante que o partido governante, desde a primeira hora, levou a cabo utilizando os recursos nacionais para essa ingente tarefa. Uma vez mais, tendo como base o petróleo, ferro, ouro e diamantes, foram conseguidos financiamentos para alavancar a reconstrução nacional.

Entretanto, cedo se verificou que as obras de reconstrução nacional não tinham qualidade e em muitos casos havia um excesso na faturação, pois os contractos apareciam com valores exorbitantes, por exemplo, o quilómetro de estrada asfaltada era dos mais caro do mundo e sem qualidade, mais de um milhão de dólares americanos, pois a fiscalização angolana ou fechava os olhos ou nem sequer existia. E quem fala em estradas, diz de outras obras sem qualidade como hospitais, centros de saúde, escolas sem wcs, sem água, aeroportos sem os requisitos necessários, centralidades com muitas debilidades, enfim...

E uma dita “nova elite” angolana prosperava à custa dessas obras mal feitas, enquanto aumentava a dívida externa para com o país que tutelava e estava por detrás dos financiamentos.

Mais uma vez, o povo pouco aproveitou, se assim se pode dizer, da riqueza do seu país e por isso se diz que o petróleo é a nossa desgraça, O ouro negro é maldito.

Porque, entretanto, se abandonou a indústria existente, a agricultura, e por pouco as pescas, porque o petróleo é que dava os petrodólares. Tudo o que se precisava era importado, a nossa economia girava em torno do petróleo comandado pela Sonangol. Meia dúzia de pessoas tomaram conta de tudo, dentro e fora do país. Os que podiam, mandavam os filhos estudar no exterior.

Quando precisavam de cuidados de saúde, viajavam para fora. Inventou-se uma dita “Junta Nacional de Saúde” que avaliava as pessoas que podiam sair para o exterior a fim de receberem tratamento, muitos com uma simples dor de dentes, porque no país não haviam condições, não haviam hospitais, clínicas, pessoal competente. Casos houve em que algumas pessoas ficaram mais de 20 anos no exterior por conta do Estado, mudaram até de nacionalidade, esqueceram Angola até.

Foi um autêntico regabofe, um banquete, para uma certa elite que através de uma corrupção desenfreada, viria a contaminar gravemente todas as Instituições, de alto a baixo. Nada se fazia, nada andava sem bónus, sem “gasosas”, sem pagar por “fora”. Toda a acção da administração pública, salvo raras excepções, foi amplamente contaminada, a pontos de ainda hoje, apesar das medidas que o actual Governo, 2021, toma contra a corrupção, ainda hoje em alguns serviços, se assiste a situações de bradar aos céus.

Assim sendo, somos levados a dizer que isto pode ser a “maldição do petróleo” que temos muito, feliz ou infelizmente. Uma coisa é certa, o petróleo deixou de ser a commodity de peso que era antes porque o mundo luta desesperadamente para salvar o planeta devido

aos estragos que o uso massivo dos combustíveis fósseis, refinados, como gasolina, diesel, jet A1, etc, têm provocado, originando o aquecimento global a ponto de os pólos estarem a derreter e isso tem provocado o aumento das águas nos oceanos, invadindo ilhas e continentes, provocando aumento das temperaturas, originando ciclones e outras catástrofes que estão a afectar gravemente a Terra, com profundos desequilíbrios entre as espécies, muitas em extinção, porque os humanos invadem cada vez mais os seus espaços para cultivarem mais alimentos, pois a espécie humana não pára de aumentar.

Os desequilíbrios ecológicos podem ser os culpados do aparecimento de vírus cada vez mais terríveis para a espécie humana, como a COVID19, mas outros são previsíveis segundo a comunidade científica mundial.

Alguns países conseguiram realmente fazer com que os seus povos beneficiassem exclusivamente do petróleo. Outros, como Angola, muito pouco tem beneficiado pois a vida como vemos, é cada vez mais dura, o desemprego é cada vez maior, os níveis de pobreza crescem a pontos de a ONU ter agora proposto que aguardemos mais 3 anos antes de avançarmos para um país dito de médio rendimento pois o nosso nível económico é de baixo rendimento.

Então, o petróleo não cumpriu com o seu papel de criador de riqueza e temos que afirmar que ele trouxe uma certa maldição, não desenvolvemos o país, não diversificamos a economia, abandonamos a indústria, a agricultura e desprezamos até as pescas. Tudo o que consumimos vem do exterior.

Veio a pandemia, o preço dessa comoditie, caiu estrondosamente e agora há que correr atrás do prejuízo. O mundo hoje já não aposta no petróleo, exige energias verdes, energias limpas que se renovem, boas para o meio ambiente. Assim é que já existem datas para o fim dos motores a energia fóssil.

2030 será o final da era dos motores a gasolina, a diesel, a JET A1, produtos refinados do petróleo. A nova geração será eléctrica em toda a extensão mas, tal como temos petróleo em abundancia, temos igualmente como produzir energias renováveis: rios abundantes, muito sol, muito mar e até vento.

Agora temos de fazer as coisas bem feitas, porque os que vêm atrás de nós assim o exigem. Esqueçamos o petróleo, sobretudo lá onde sabemos ser um sacrilégio mexer, Okavango, por ser área de protecção ambiental e porque, vale mais assim como está, como um santuário virgem que o mundo quer ver protegido, ao serviço de um turismo ecológico de qualidade, cujos valores poderão superar os do petróleo. Esqueçamos o petróleo no Delta do Okavango.